

O chão da clínica VII♦

(Seminário Clínico EBP-Rio 2025)

Iluminuras – terras de rasuras

Marcus André Vieira

No último encontro do nosso percurso de estabelecimento de um solo comum, chegamos ao paradoxo de tirar os pés do chão após ter delimitado um primeiro kit básico de ferramentas da clínica lacaniana, ao tratar do gozo opaco - que não se localiza nem se materializa, gozo essencialmente desassossegado.

Finalizamos com a ideia desse gozo opaco como uma presença. Em contraposição ao gozo fálico, nosso chão, esse gozo Outro - desincorporado, opaco - é nossa água. Não vejo melhor maneira de retomar a metáfora lacaniana do litoral. Nossa clínica é a clínica do litoral.

Hoje avançaremos com a noção de litoral. Haverá chão e água mas, também, cobertura e rasura. O texto de base, aqui, é *Lituraterra*, onde encontramos não apenas a metáfora do litoral, como também a da planície. Ambas lidam com chão e água, mas a da planície acrescenta o tema dos sulcos - trilhamentos em termos freudianos; ravinamentos, nos termos de Lacan - por onde escorrerá a água da chuva.

Nossa ferramenta, ao colocar os pés na planície, será a letra. Apenas quando a água - nessa metáfora, o gozo que nos habita - corre pela planície, podemos acessar essa vida em nós, indiretamente, pela refração do sol em seus sulcos. Esta trama literal só terá leitura se tocar a alguém. O Outro, assim, muda de função: não é mais agente da perda, mas aquele que poderá proporcionar a este traçado um enlace a cada gesto de escrita, e não a partir do que dele, em cada um, falta. Essa rede é chamada por Lacan de “terra de rasuras”.

Lacan situa como fantasia fundamental - como já vimos -, uma gramática, escrita que fixa o ponto de surgimento do sujeito e do objeto, assim como o ponto em que eles se confundem. Ao promover a fantasia como um roteiro, um *script* fundamental que não tem sentido em si, mas que determina os lugares do sujeito e os do objeto para um falante, Lacan nos indica o quanto neste texto importa destacar o que conhecemos na literatura e na vida cotidiana como *letra*.

Ele se serve da letra para designar o que seria suporte do significante, pura marca e que, por isso, não é em si significante, associando-a também ao gozo.

Trata-se apenas de uma analogia entre a letra nossa de todo dia e o conceito lacaniano de letra? O fato é que as marcas que a vida inscreve em nosso corpo tanto podem ser lidas como suporte de uma mensagem - cifrada ou não do que teria nos acontecido e por quê - quanto apenas registros sem sentido de que algo aconteceu.

♦ Texto base para sétimo encontro do Seminário Clínico da EBP-Rio, dia 17/11/2025. Montado por Juliana Villa-Forte. Versão final do autor.

O autor lida com a letra de forma homóloga à maneira como todo falante está às voltas com sua inapreensível singularidade e, ao mesmo tempo, com sua tão material forma de gozo.

Tipográfica e caligráfica, a letra possui duas vertentes que nos permitem pensá-la como ponto de encontro do furo e do gozo que não cabe: furo como o que desestrutura o Outro, e objeto que pende dele.

Habitualmente é a primeira vertente que predomina. A letra, concreta, funciona apenas como suporte da mensagem, etérea, sem que a singularidade de sua forma seja contabilizada para o efeito de sentido que ela transmite. Dessa forma, a letra como tal é descartada a cada vez que a mensagem é passada. Isso é válido inclusive para as letras virtuais.

Podemos dizer que a letra cai como dejetivo ao chegar a cada destinatário, ou seja, entendendo-se a palavra – que não contém em si o sentido que se lhes aplica –, para a lixeira vão as letras que aparecem obedecendo, mais precariamente, à formatação tipográfica do Outro. Por outro lado, quando a vertente material da letra prima, há perturbações na ordem estabelecida. Quando o que porta a mensagem se apresenta em seu aspecto real, caligráfica, quase borrão - aí temos a letra como objeto/dejeto.

Essa dupla face da letra – suporte material do significante e letra-lixo, letra como objeto – prepara o terreno para o que Lacan irá formular em *Lituraterra*. A partir da noção de litoral, a letra será separada do sentido.

Retomando o litoral. Trata-se do ponto de passagem em que se toca o limite entre a terra e o mar - como quando você está entrando na água e toma um caixote -, é esse espaço de mistura. Não se trata da mistura em si, mas do fato de que, às vezes, estamos no mar, às vezes na terra. E o mar não é outro mundo, é só o além-mundo. Essa é a ideia do litoral em Lacan.

Dessa forma, a letra retoma o par sujeito/objeto, sem que haja exclusão mútua entre um e outro. Com ela pode-se imaginar a presença do gozo sem que obrigatoriamente seja angústia. É o que Joyce nos ensina em sua literatura, em que se verifica a função-mensagem e, ao mesmo tempo, a função-gozo.

Ele propõe, além do litoral, outra metáfora que trará a possibilidade de uma descontinuidade, que permitirá aproximar o litoral da raiz latina *litura*, tanto no sentido de cobertura quanto de rasura. É a metáfora da planície.

Na planície, a água que cai das nuvens - o gozo - faz sulcos; eles nada dizem, mas traçam os caminhos do gozo que poderão ser lidos das mais variadas maneiras dependendo do ângulo e da luz do sol. Usando a metáfora da planície siberiana, em que tudo é branco, puro gelo, só se vê os caminhos da água quando o sol bate na planície e os ilumina, ocupando o lugar da cultura, do Outro. O Outro aqui não é mais o agente da marca traumática, mas a lanterna que a lerá - agora iluminura.

Pensar a rasura nesta complexa concomitância com o traço fundador o relativiza e implica em uma experiência radical, que inclui os confins da linguagem como ponto de reversibilidade entre saber e gozo.

Na análise, quando encontramos essas coisas-chave, elas não só nos permitem mudar de mundo, mas também viver no mundo sabendo que uma parte dele não tem sentido - é só água. Isso dá uma liberdade também, você não está procurando um sentido melhor,

nem o sentido da libertação, é só saber que uma parte da vida não cabe na vida. Mas aí, agora, já coube: esse é o ponto de litoral.

Lacan complica mais um pouco: não é exatamente um e o infinito; é plural. São várias letras. Não nos deparamos com uma letra de gozo - a cena fundamental que delimita o ainda não-dito -, encontramos várias. *Lalíngua* designa esse conjunto de marcas e traços que constitui a base da língua que falamos. É *lalíngua*, mas não é exatamente a língua. É possível concebê-la, portanto, como o plural da letra.